

MOMO no CCB

MOMO é o acrónimo de “Magic Of Missing Out”, isto é, “a magia da perda”. Mas será mesmo disso que se trata? Ohad Naharin (n. 1952), para além de ser um coreógrafo aclamado internacionalmente, é também um apaixonado pela arte da ironia. “O próprio processo acaba por determinar o resultado final”, assinala o coreógrafo. Para o jornal *The Jerusalem Post*, “é difícil descrever esta nova criação, e essa será porventura uma marca das obras-

-primas: serem impossíveis de descrever e, portanto, de visionamento obrigatório”.

Para o *Haaretz*, MOMO consiste “num alerta contundente contra o crescimento da extrema-direita no nosso país”. Sobre o processo de criação deste espectáculo, Naharin afirma que “quando faço uma nova peça procuro não me limitar a pôr o Mundo ao espelho. Procuro, isso sim, criar um outro mundo. As regras a que recorro são apenas as da criatividade”.



© Ascaf

Minuit no TMJB

Será possível contracenar com uma cadeira? E obter gravidade zero num palco de teatro? Poderá uma cama elástica soar como um xilofone, quando lhe saltamos em cima? Em *Minuit* — Yoann Bourgeois demonstra que sim, que tudo isso é possível, desde que estejamos dispostos a simultaneamente acreditar e duvidar daquilo que os nossos olhos vêem. Basta que nos deixemos levar pelas “reticências” que,

segundo o coreógrafo francês, foram o ponto de partida para esta sua criação. *Minuit* consiste numa série de números de novo-circo. Mas atenção, porque, como muito justamente aponta a crítica Amélie Niddan: “Rimo-nos dos acidentes que acontecem em cena — braços que se desprendem do corpo, discussões que acabam com a mobília desfeita —, só que esse riso é bem amargo, porque este circo não é para meninos”.



© Géraldine Aresteanu

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Jovens puritanos vs. velhos libertários

O Festival arrancou com um importante espectáculo espanhol. Os Els Joglars apresentaram *¡Que salga Aristófanes!*, uma peça que vai contra a linha de água da ‘cultura do cancelamento’ e do politicamente correcto, que castra a liberdade artística. No colóquio sobre a peça, aconteceu algo surpreendente. Houve quem ficasse incomodado com os modos “brutos” de Fontseré e da sua trupe. Eram maioritariamente jovens. Havia também quem defendesse a irreverência dos provocadores-catalães. Eram maioritariamente pessoas mais velhas. Este facto po-

derá parecer um tanto paradoxal, e é revelador da onda puritana que varre as redes sociais. “Estes miúdos não sabem o que é o fascismo”, dizia alguém que já tinha provado o fascismo de Salazar e da PIDE.

Rodrigo Francisco seguiu as pisadas dos Joglars, com *Calvário*, a sua quinta peça. A comédia consiste numa imersão nas misérias dos teatros, num olhar terno e ao mesmo tempo duro, sobretudo sobre os actores: egos, vaidades, fraquezas, desencantos... É também muito mordaz contra o ambiente opressivo que, hoje em dia, qualquer criador tem de enfrentar,

com tanta gente pronta a bradar aos céus, ao menor “deslize”.

Francisco retrata, metateatralmente, o processo de ensaios de uma produção baseada em *Minetti*, uma peça de Thomas Bernhard, que acaba por estar sujeita a uma série de condicionantes devidas aos usos e costumes de um progressismo com boas intenções, mas que vai perdendo o sentido da realidade. Beirão, uma velha glória dos palcos, daquelas que andam por todo o lado com um assistente que lhe massaja os pés no final dos ensaios e faz de ponto, enca-beça o elenco. O seu velho mun-

do entra em conflito com o novo, dando origem a alguns momentos hilariantes. Este ‘figurão’, apesar de se encontrar no território de Bernhard, ri-se a valer, “com as tripas” em algumas passagens. Desta forma, acaba por desmontar o próprio dramaturgo austríaco, que chegou a escrever que “o público nunca percebe nada”. Este jogo que Francisco propõe com *Minetti* resulta plenamente, uma vez que esta comédia está sabiamente condimentada e, à exceção de alguns desequilíbrios (menores e corrigíveis), é muito bem orquestrada.

// Alberto Ojeda, in *El Mundo*

Teatro e Jogging

Hane esteve ontem na Esplanada para conversar sobre *Jogging*. Começou por esclarecer que o seu espectáculo “não é uma peça sobre mulheres: é um espectáculo sobre as pessoas”. Continuou: “As histórias que eu conto aconteceram muito

mais fora do Líbano do que no Líbano”. Explicou também as razões pessoais que a levaram a mudar a sua opinião sobre a personagem Medeia, a mãe que mata os seus próprios filhos, concluindo: “Não devemos ser apressados a julgar as pessoas”. As histórias que conta no espectáculo são verdadeiras e reflectem uma mentalidade e uma forma de viver no seu país, do qual é muito crítica. Explicou depois o que a levou ao teatro: “Comecei a fazer teatro durante a guerra, nos

abrigos”. No Líbano é proibido fazer teatro, ou cinema, sem o visto prévio da censura. Esta peça não foi autorizada, mas também não foi proibida, porque Hanane, a conselheira da sua advogada, não a enviou para aprovação. Apesar disso, já fez centenas de representações, de entrada gratuita, em salas alternativas libanesas, obtendo receita através da venda do livro do espectáculo, e correndo o risco de ser presa e de pagar uma multa que pode ir até dez mil euros.

No espaço dedicado à participação do público, foi lido um manifesto pela activista Teresa Palma Fernandes, solidária com a causa palestina e com o Freedom Theatre, recentemente atacado pelo exército israelita, e situado no campo de refugiados de Jenin. Quando lhe perguntaram o que achava da participação de uma companhia israelita no Festival, respondeu que já participou em vários festivais com companhias israelitas, acrescentando que “sempre fui pela liberdade de expressão e de escolha. Há muitas pessoas em Israel que são contra o sionismo. Por outro lado, no Ocidente, nos chamados países democráticos e liberais, há chefes de governos muito amigos de ditadores do Médio Oriente”, lembrando o caso do jornalista Jamal Khashoggi, morto e esquartejado na embaixada da Arábia Saudita em Istambul. // **Miguel Martins**

We'll always have Almada



Peter Stein — que amanhã às 18h00 estará na Esplanada para conversar com o público, e com João Carneiro — dirigiu o curso *O sentido dos Mestres* em 2015. Franco Laera fá-lo este ano. O que o encenador alemão defendeu há nove anos está nos antípodas daquilo que o produtor italiano tem dito nos últimos dias na Casa da Cerca: Stein, filólogo, preconiza o primado da palavra; Laera, que produz as criações de Bob Wilson em Itália, alega que o

texto é apenas pretexto, e que o teatro é muito mais do que “palavras, palavras, palavras...”. Os dois tiveram projectos conjuntos no início dos anos 2000. Depois separaram-se, e nunca mais se viram nem falaram: “É o teatro...”, diria alguém.

Encontraram-se ontem à noite na Esplanada. Cumprimentaram-se. Sentaram-se e ficaram a falar um com o outro, como se retomassem uma longa conversa apenas interrompida.

O nervo sensível

No segundo dia de *O sentido dos Mestres*, Laera desafiou os participantes a tentarem perceber onde está a essência de uma peça. E concluiu-se que esse osso é, afinal, um nervo, sensível e delicado, feito de emoções. O formador lembrou que o teatro “vive das memórias, e não da tradução naturalista da realidade, mas sim na sua reconstrução. Como nos sonhos”. E a tarde prosseguiu com o visionamento de uma remontagem, de 2019, de uma peça na qual Kandinsky, em 1928, influenciado pela estética construtivista da escola de Bauhaus, usa a partitura do russo Mussorgsky, chamada *De uma exposição*, para criar uma nova forma de teatro, sem palavras, situada na intersecção harmoniosa da música com as artes visuais, que se fundem e dão origem a novos objectos, que mais não são do que esculturas em movimento.

O puxador de palmas

TEATROLOGIA

O puxador de palmas ou gargalhadas é a versão a solo da claque, grupo organizado de apoio cuja origem data da Roma do tempo de Nero. Em rigor, o puxador é contratado para aplaudir onde o público não aplaude (ou não o faz de forma entusiasta) ou rir por vezes de maneira histérica onde a piada não inspira ao espectador a menor reacção. O plano é induzir o público a gargalhar e bater palmas nos ‘sítios certos’. A actividade centrava-se em espectáculos de comédia e, especialmente, no teatro de revista, sendo o exemplo português um caso raro. Foi uma profissão em ascensão a seguir ao 25 de Abril. O puxador (rir e aplaudir ‘como um doido’ era profissão de um homem só) conduzia as palmas em ‘verdades’ e chavões e gargalhava quase sem controle em piadas ‘informadas’ ou subtis de tanta falta de graça, assim politizando a vontade do espectador. Foi uma das armas com que a revista à portuguesa combateu o sucesso das telenovelas brasileiras e a consequente escassez de público. Caiu em desuso, mas ainda é costumeiro ouvir-se de gente de teatro inquieta com a falta de sucesso do seu espectáculo: ‘o melhor é ir chamar o puxador’. // **José Alves Mendes**

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos Mestres
Franco Laera
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio
Peter Stein
Escola D. António da Costa

21:00 | Dança
MOMO
Centro Cultural de Belém

20:00 | Música
Jackpot Quartet
Escola D. António da Costa

21:30 | Teatro
Minuit
Teatro Municipal Joaquim Benite

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Moamba de galinha
Bacalhau à Gomes de Sá
Salada de arroz thai c/ feijão e aipo

AMANHÃ
Salsicha brasileira com lentilhas
Esparguete com camarões
Rancho Vegan

